

Açores sem excesso de mortalidade depois de um pico em 2022

Ao contrário do que está a acontecer no país, os Açores não registaram neste mês de Janeiro excesso de mortalidade, depois de se ter verificado um excesso em Janeiro de 2022.

De acordo com os números consultados ontem pelo “Diário dos Açores”, a mortalidade de Janeiro, até ao dia 18, era de 109 açorianos, quando no ano passado, no mesmo período, foi de 138 e no período homólogo de 2022 registou-se um pico de 160 óbitos, que poderão ter a ver com um forte surto de doenças respiratórias e consequências ainda da pandemia.

Para estes meses de Inverno os especialistas receavam um novo surto de excesso de mortalidade, como está a acontecer no continente, mas até agora os valores estão em linha com os anos anteriores.

Excesso de mortalidade no Continente

Com efeito, nos primeiros 18 dias de Janeiro morreram no país mais de 8.600 pessoas, mais 1.858 do que o esperado, a um ritmo superior a 400 óbitos por dia: o excesso de mortalidade, ou seja, o número de dias em que morreram mais pessoas do que seria expectável, é maior do que em todo o ano de 2023, mas também há mais óbitos em excesso do que em todo o ano anterior (1.858 vs. 1.400) – por último, de acordo com o Sistema de Informação dos Certificados de Óbito (SICO), em todos os dias de 2024 houve excesso de mortalidade.

De acordo com dados do Instituto Ricardo Jorge, entre 18 de Dezembro e



14 de Janeiro foi registado um excesso de mortalidade de 28%: Portugal foi o país da UE que registou níveis mais elevados de mortalidade, segundo o site europeu de vigilância da mortalidade (EuroMomo).

Este pico de mortalidade em excesso já vem desde a última semana de 2023.

Entre o Natal e fim de ano foram contabilizadas quase 3.800 mortes, 821 acima do esperado face à média de anos anteriores. No entanto, 2024 arrancou com números ainda mais altos: a 2 de Janeiro, foram registadas 551 mortes, o que, para encontrar um dia com tantas mortes em Portugal é preciso recuar ao último grande pico da Covid-19, em Fevereiro de 2021.

Todos os dias de 2024 tiveram excesso de mortalidade.

Já o ano de 2023 teve 17 dias com mortes acima do esperado, tendo-se

registado, ao longo de todo o ano, 1.400 óbitos em excesso.

A 12 de Janeiro deste ano, 2024 já registava um número maior: nos últimos 18 dias foram contadas 1.858 mortes acima do esperado, mais do que em todo o ano passado.

Epidemia de gripe

O excesso de mortalidade, verificado diariamente desde o início do ano, ocorre num período marcado por uma epidemia de gripe e um Inverno rigoroso com temperaturas abaixo dos valores habituais para a época. O diagnóstico elevado de infeções respiratórias parece estar na origem do excesso de mortalidade, mas a causa certa ainda não é possível de identificar. “É uma situação com várias causas, mas será preciso algum tempo para se avaliar todos os dados e perceber se há

um aspecto que possa ter contribuído mais para o excesso de mortalidade”, explicou ao Diário de Notícias (DN) o epidemiologista do Instituto de Saúde Pública (ISP) da Universidade do Porto, Milton Severo.

O diagnóstico elevado de infeções respiratórias parece estar na origem do excesso de mortalidade, mas a causa certa ainda não é possível de identificar.

“É uma situação com várias causas, mas será preciso algum tempo para se avaliar todos os dados e perceber se há um aspecto que possa ter contribuído mais para o excesso de mortalidade”, explicou ao DN Milton Severo. A verdade, no entanto, é que Portugal é, neste início de ano, o único país de entre mais de 20 da Europa - que contribuem com informação para o site europeu EuroMOMO, que faz a vigilância da mortalidade - com a classificação de “excesso muito elevado” (very high excess) de mortalidade.

O site mostra um mapa onde é revelada a classificação atribuída a Portugal e aos outros países deste grupo, e do qual também fazem parte Áustria, Bélgica, Chipre, Dinamarca, Estónia, Finlândia, França, Alemanha, Grécia, Hungria, Irlanda, Itália, Luxemburgo, Países Baixos, Eslovénia, Espanha, Suécia, Suíça, Reino Unido, Malta e Ucrânia. Além de Portugal, só a Grécia aparece destacada com “excesso moderado” e o Reino Unido, nas regiões da Escócia e de Inglaterra, com “excesso moderado e reduzido”, respectivamente. No Norte da Europa, só a Dinamarca aparece assinalada, mas com “excesso reduzido” de mortalidade.

Muitas famílias com a corda ao pescoço Prestação média da casa disparou 35% no ano passado

A subida das taxas de juro continuou a pressionar as famílias com crédito da casa no ano passado, conforme o “Diário dos Açores” tem vindo a denunciar, com muitos bancos a recusarem renegociar os contratos.

A prestação média do empréstimo à habitação disparou 35% em 2023, aumentando pelo terceiro ano consecutivo, de acordo com os dados divulgados pelo Instituto Nacional de Estatística (INE).

Em termos concretos, a prestação média da casa aumentou 93 euros para 362 euros, o valor mais elevado desde, pelo menos, 2011.

Em dois anos, que corresponde ao período em que o Banco Central Eu-

ropeu (BCE) subiu as taxas directoras para controlar a escalada da inflação, acumula um aumento de 125 euros — em 2021, a prestação média era de “apenas” 237 euros. Entre julho de 2022 e setembro de 2023, o BCE aumentou as taxas em 450 pontos base, uma trajetória de subida que foi interrompida nas últimas duas reuniões — a próxima reunião do conselho de governadores acontece na próxima semana (dia 25) e não deverá mexer nos juros.

Ainda assim, o aperto monetário que o banco central empreendeu nos últimos dois anos impulsionou as chamadas taxas Euribor, que são usadas como indexante nos contratos com

taxa variável, para os valores mais elevados desde 2009, traduzindo-se num aumento do custo do crédito da casa.

Maior impacto em Portugal

Portugal foi um dos países que sentiu maior impacto da subida dos juros do BCE, dada a circunstância de mais de 90% dos contratos terem um regime de taxa variável.

Isso mesmo refletem os dados do INE: a taxa de juro média implícita no crédito à habitação atingiu os 3,612% em 2023, disparando em relação ao ano anterior em que a taxa média se situou nos 1,084%.

A boa notícia no meio de todo este problema que se arrasta nos últimos anos, é que há a expectativa de que a prestação da casa comece a descer a partir de agora.

As Euribor já atingiram o pico e estão em rota descendente, com os mercados a anteciparem que o BCE vai começar a baixar as taxas este ano. Na passada semana a presidente Christine Lagarde revelou que o alívio nas taxas de juro poderá iniciar-se no Verão.

Já há sinais de algum alívio na prestação: nos contratos celebrados nos últimos três meses, a taxa de juro desceu pela segunda vez consecutiva, passando de 4,366% em Novembro para 4,342% em Dezembro.